

há mais dinheiro

Economia

Credores dizem que não

Jornal de Brasília

Davos (Suiça) — Wilfried Guth, um dos principais banqueiros da Alemanha Ocidental, presente a um simpósio internacional sobre assuntos financeiros em Davos, disse que os bancos internacionais não estariam dispostos a atender ao pedido brasileiro de novos empréstimos no valor de US\$ 4 bilhões, em 1984.

"Devemos ser cautelosos", disse Guth, sugerindo que o Brasil deveria procurar alternativas como bônus e promissórias a serem pagas em moeda nacional.

Entretanto, Guth afirmou que os bancos deveriam cobrar taxas e juros mais baixos dos países em desenvolvimento que demonstrem sinais de evolução econômica.

Por outro lado, Fritz Leutwiler, presidente do Banco Nacional da Suiça, afirmou que "não haverá mais dinheiro", a não ser que as nações endividadas façam ajustes econômicos.

Leutwiler afirmou que eventual recusa de um país como o Brasil, por exemplo, em pagar seus débitos "não significará o fim do mundo", embora tenha deixado claro que considera tal hipótese improvável no caso brasileiro.

Outros dirigentes de instituições financeiras internacionais, que também participaram do simpósio afirmaram que é preciso prever novos empréstimos para os países em desenvolvimento mais endividados.

Dizem que é necessário favorecer as exportações desses países para permitir-lhes sair da crise, acrescentaram os dirigentes, que deram como exemplo a situação de países latino-americanos.

Todos os especialistas presentes na reunião de Davos defenderam um forte apoio aos países endividados por parte dos principais países credores e das instituições financeiras internacionais. Em contrapartida, Leutwiler advertiu os países devedores que não fizerem esforços de ajuste em suas economias, os quais poderiam ver-se privados de "dinheiro fresco".

O elevado valor do dólar e a política orçamentária norte-americana também foram amplamente evocados. Para Leutwiler, o dólar está atualmente supervalorizado e não reflete as tendências fundamentais da economia dos Estados Unidos. É impossível que essa situação se mantenha a longo prazo, acrescentou, indicando que uma redução do déficit orçamentário dos EUA contribuiria para diminuir as taxas de juros.

A fim de contrabalançar o peso da dívida e dos mecanismos monetários que aprisionam os países devedores, todos os oradores do simpósio convidaram os países industrializados a abrirem amplamente seus mercados às exportações dos países do Terceiro Mundo.

Naturalmente, esta liberalização poderia provocar um aumento do desemprego nos países industrializados, mas é o preço a pagar para permitir as nações em desenvolvimento sair da crise, acrescentou Leutwiler.

Quanto ao Brasil, o exemplo citado por Solomon ilustra esta situação: as exportações brasileiras para cinco países europeus (França, Alemanha, Itália, Holanda e Grã-Bretanha) elevaram-se a 5 bilhões de dólares em 1982. A duplicação desse valor somente representaria um aumento de um por cento do total das importações desses cinco países, explicou Solomon, acrescentando que, por outro lado, isso significaria um aumento de 20 por cento do total das exportações brasileiras.